

A narrativa como *modus operandi* de uma prática educacional

Vera Lúcia Santos Mutti Malaquias
Universidade Federal da Bahia
veraluciamutti@yahoo.com.br

Resumo:

A ação de contar histórias em sala de aula tem por base não deixar que se rompam os fios que ligam as gerações antigas às novas gerações que adentram o mundo. O escrito aqui apresentado refere-se à reflexão empreendida em minha dissertação de mestrado e relaciona-se à experiência que vivencio como professora do ensino fundamental I em uma instituição pública da rede municipal de ensino na cidade de Salvador – BA. Essa experiência tem por base as ações de escrever e narrar histórias para os meus alunos, tanto quanto a reflexão sobre a importância dessas ações para a formação das crianças. A base conceitual centra-se no pensamento da filósofa Hannah Arendt presente no ensaio *A crise na educação*, parte integrante do livro *Entre o Passado e o Futuro*, e nas reflexões sobre a ação e o discurso inseridas na sua obra *A Condição Humana*. Para melhor conduzir a pesquisa, a principal questão colocada foi: como o passado, refletido por meio da narrativa de histórias, pode legar valores às novas gerações de crianças que constantemente chegam ao mundo? Objetivou-se buscar respostas sobre o questionamento apresentado no intuito de refletir sobre a responsabilidade do professor na condução do processo de ensino e no cuidado com o mundo que deverá apresentar para a criança.

Palavras-chaves: Educação. Professores de Ensino Fundamental. Experiência. Narrativa. Pensamento. Histórias.

Resumen:

La acción de contar historias en el salón de clases se basa en no dejar que se rompan los hilos que conectan las antiguas generaciones con las nuevas generaciones que entran al mundo. El escrito aquí presentado hace referencia a la reflexión realizada en mi tesis de maestría y está relacionado con la experiencia que tengo como docente de la escuela primaria en una institución pública de la red de educación municipal de la ciudad de Salvador - BA. Esta experiencia se basa en las acciones de escribir y narrar historias para mis alumnos, así como en la reflexión sobre la importancia de estas acciones para la educación de los niños. La base conceptual

se centra en el pensamiento de la filósofa Hannah Arendt presente en el ensayo *La Crisis de la Educación*, que pertenece del libro *Entre el Pasado y el Futuro* y en las reflexiones sobre la acción y el discurso incluidas en su obra *A Condition Humana*. Para realizar mejor la investigación, la pregunta principal que se planteó fue: ¿cómo el pasado, pensado a través de la narrativa de historias, puede dejar un herencia a las nuevas generaciones de niños que llegan constantemente al mundo? El objetivo fue buscar respuestas a la pregunta planteada con el fin de reflexionar sobre la responsabilidad del docente en la conducción del proceso de enseñanza y en el cuidado del mundo que debe presentar para el niño.

Palabras clave: Educación. Maestros de escuela primaria. Experiencia. Narrativa. Pensamiento. Cuentos.

Abstract:

The action of telling stories in the classroom is based on the breaking of the threads that connect the old generations with the new generations that enter the world. The writing presented here refers to the reflection carried out in my master's thesis and is related to the experience I have as a teacher at a primary school in a public institution of the municipal education network in the city of Salvador - BA. This experience is based on the actions of writing and narrating stories for my students, as well as on the reflection on the importance of these actions for the education of children. The conceptual basis focuses on the thinking of the philosopher Hannah Arendt present in the essay *La Crisis de la Educación*, which belongs to the book *Between the Past and the Future* and the reflections on action and discourse included in her work *A Condition Humana*. In order to carry out the investigation better, the main question that was raised was: How did the past, thought through the narrative of stories, be able to leave a legacy for the new generations of children who are constantly reaching the world? The objective was to seek answers to the question raised with the aim of reflecting on the responsibility of the teacher in the conduct of the teaching process and in the care of the world that must be presented to the child.

Keywords: Education. Primary school teachers. Experience. Narrative. Thought. Stories.

Introdução: Contar estórias¹ e ensinar

A narrativa como *modus operandi* de uma prática educacional foi o título inicial da minha dissertação de mestrado, que tinha como acréscimo as reflexões que seriam trabalhadas a partir da obra da filósofa Hannah Arendt, principalmente com foco nos conceitos de educação, liberdade e tradição. No percurso da investigação, o que ganhou realmente foco foi o que eu fazia na prática: contar estórias e ensinar. Nesse sentido, a questão que mais se fortaleceu no caminhar investigativo foi: como o passado, refletido por meio das narrativas de estórias, pode legar posses às novas gerações de crianças que constantemente chegam ao mundo?

As crianças, que constantemente chegam ao mundo, adentram nele como estrangeiras. Chegam a um espaço que não conhecem e não sabem sequer se comunicar por meio de palavras, na medida em que não dominam a língua ainda. No entanto, esse novo ser já adentra no mundo humano² junto com uma cadeia de acontecimentos do passado ligados aos seus pais. Esse passado é que os empurra para frente e o próprio ato de nascer é um ato transformador das realidades do seu entorno.

Para a filósofa Hannah Arendt, esse nascer, ou seja, a natalidade, não tem relação com aspectos quantitativos – índices de natalidade – e sim com natividade, origem. Nascer é irromper como algo novo, com possibilidade para mudar o que está dado. Segundo a filósofa (2010, p. 307), [...] os homens, embora tenham de morrer, não nascem para morrer, mas para começar. Nesse sentido, a essência da

¹ Conforme destaquei em minha dissertação, escrever a palavra estória com “e”, diferente do que podemos compreender em Arendt, que emprega em seus escritos em língua inglesa o vocábulo “history” para aludir à historiografia e o vocábulo “story” quando se refere a uma [...] “sequência de eventos que formam uma estória que pode ser expressa através de uma narrativa [...]” (ARENDR, 2016, p. 121), acaba por ser uma identificação pessoal com o termo. A palavra estória chega até mim com o encantamento oriundo do ato de narrar e ouvir. Já a palavra história se apresenta com certa oficialidade, datação, obrigatoriedade.

² No decorrer do texto, será apresentada a definição de mundo humano segundo a abordagem trabalhada por Hannah Arendt.

educação para Arendt (2016, p. 222) está ligada a esse novo começo, à natalidade, ao “fato de que seres nascem para o mundo”.

Todavia, esses seres que nascem para o mundo nascem para intervir, modificar, cuidar, se responsabilizar, ou seja, para agir no mundo. Ainda assim, antes de adquirir o status necessário para realmente praticar essas ações, enquanto crianças, passam pela escola.

Na escola é onde nos encontramos. É nesse lugar que, enquanto professora de crianças nas séries iniciais do ensino fundamental I – 1º ao 5º ano –, assumo a responsabilidade por um recorte da educação escolar desses novos seres. É nesse espaço também que precisei buscar os elementos para responder à questão apresentada no primeiro parágrafo deste texto. Como ensinar por meio das narrativas? Como extrair do passado algo que possa legar posses do mundo para crianças tão pequenas?

A decisão de mudar o percurso da pesquisa para tentar responder àquilo que realmente tinha me proposto a fazer foi pautada por via de um olhar criterioso e sensível da minha banca de qualificação e da minha orientadora.

A proposta que me foi sugerida centrava-se na perspectiva de narrar minhas experiências como professora que conta histórias para seus alunos. Esse modelo buscou dar sentido às experiências cotidianas que me levaram a buscar em Hannah Arendt respostas para minhas inquietações.

Toda essa transformação não se deu sem muita reflexão e estudo da obra de Arendt. Investigar e refletir a educação a partir do que a filósofa pensou e escreveu sobre o assunto está diretamente vinculado a voltar nossa atenção para a questão da responsabilidade que assumimos enquanto adultos para com as crianças. E o ato de narrar histórias não pode ser desvinculado da questão da ação e discurso, debatida por Arendt no livro *A condição Humana* (2010).

Arendt, quando trata da questão da ação e do discurso, assim o faz na perspectiva da relação entre adultos. Agir e falar são as maneiras com as quais nos revelamos no espaço público, onde deixamos transparecer para os outros quem realmente somos.

Por meio [da ação e do discurso], os homens podem distinguir a si próprios, ao invés de permanecerem apenas distintos; a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos aparecem uns para os outros, certamente não como objetos físicos, mas *qua* homens. (ARENDRT, 2010 p. 220, grifo meu)

A criança e a escola, em suas perspectivas pedagógicas, não se inserem nesse lugar onde os conceitos de ação e discurso são postos por Arendt. No entanto, eu, enquanto adulta e professora, penso, planejo e elaboro o meu discurso pedagógico entre meus pares. As ações pedagógicas que ocorrem na escola, apesar de obedecerem a hierarquias, são previamente debatidas e planejadas por meio do diálogo com o corpo docente da escola – gestão, coordenação e professores –, tanto quanto são realizadas em sua perspectiva prática com o apoio e suporte de todos os atores inseridos no âmbito institucional – pessoal de secretaria, agentes educativos, porteiros, servidores da cozinha, limpeza, dentre outros. Sem a coletividade a escola não consegue cumprir a sua função de educar e acolher as crianças.

Não obstante, pelo fato de as crianças, conforme o debate arendtiano, não estarem aptas para intervir no espaço público político entre iguais, a escola, em seus aspectos institucionais, existe e dialoga entre adultos. Nesse aspecto, o ambiente escolar demanda trânsitos e reflexões conceituais que dizem respeito ao que Arendt trata sobre ação e discurso. Segundo Almeida:

O que [...] a ação educativa compartilha com a política – como Arendt a concebe *stricto sensu* – é o compromisso, por parte dos adultos, como o mundo comum. Além disso o âmbito escolar, assim como o espaço público, é um lugar de reunião, do estar em companhia. A diferença entre ambos os espaços, nesse ponto, [...], está no fato de que as relações na política, em princípio, ocorrem entre iguais, enquanto as relações pedagógicas são hierárquicas no que diz respeito ao conhecimento e, sobretudo, no que concerne à responsabilidade pelo processo educativo e diante do mundo. [...]. A própria Arendt concebe a ação como uma faculdade humana que, embora revele sua grandeza na política, não se restringe a essa atividade nem ao âmbito público. (ALMEIDA, 2011, p. 94-95)

Nesse aspecto, é importante destacar que, apesar de estar atenta ao que Arendt coloca sobre os conceitos que estão presentes na pesquisa, não os analisei e nem discorri sobre eles com profundidade. Dialoguei com a filósofa e com os seus pares a partir de suas reflexões e sobre como essas reflexões me ajudaram a pensar a problemática levantada.

A dissertação teve como principal objetivo apresentar as narrativas sobre a minha prática docente, como também apresentar as narrativas que seleciono para trabalhar e as que eu mesma escrevo para meus alunos. Cito um trecho desse trabalho:

Meu primeiro dia nessa modalidade de ensino foi no mês de outubro de 2015 em uma turma de 3º ano. Ao chegar à porta da sala, encontrei as crianças envolvidas em uma grande confusão, todas gritando. Um aluno derrubava as cadeiras e tentava atingir os colegas. Esse aluno era do 2º ano, mas invadiu a sala do 3º perseguindo alguns colegas que o teriam irritado. Olhei com certo desespero para um funcionário que estava na outra porta, mas logo a coordenadora e a vice-diretora vieram ver o que estava acontecendo. O que me deixou perplexa foi observar a tentativa de todos os adultos presentes – funcionário, coordenadora e vice-diretora – de argumentar com o aluno, para que parasse de arrebentar toda a sala, enquanto colocavam os outros para fora do ambiente. Parada um pouco distante da confusão, fiquei a pensar por que ninguém impedia de fato a ação daquela criança. Depois que tudo terminou, já com a chegada da ronda escolar e da mãe do aluno, esse com apenas sete anos, fiquei sabendo que não podemos segurar a criança, pois ela pode se machucar e isso gerar algum problema para nós, professores. Naquele momento, percebi que as crianças tinham conhecimento desse *modus operandi* nas escolas e sabiam como agir durante os conflitos. Já os adultos demonstram claramente impotência em relação a elas e, nos momentos em que se dão conta que outras medidas não deram resultados, seguem protocolos que recorrem a processos coercitivos a exemplo da ronda escolar. (MALAQUIAS, 2020, p. 23)

O ponto de partida para minha reflexão sobre a escola foi esse acontecimento. Ele me levou a pensar sobre a necessidade de um olhar criterioso e



investigativo sobre a educação e, principalmente, sobre a educação nas séries iniciais do ensino fundamental.

Nas séries iniciais do ensino fundamental, as crianças estão principalmente no período de serem alfabetizadas e apresentadas a um espaço de convívio muito distinto daquele em que vive com sua família. Assim como em casa, elas precisam de amparo e ajuda para aprender a andar, comer sozinhas e pedir as coisas que desejam. Na escola elas precisam de alguém em que possam confiar e que enxerguem como uma autoridade³, no intuito de que sintam confiança para pedir auxílio e para permitir que sejam auxiliadas no período de vivência na escola. Cuidar das crianças é responsabilidade dos adultos. Na escola essa responsabilidade é transferida para os profissionais que trabalham nesse espaço e, com mais ênfase, para os professores.

Conforme Hannah Arendt:

[...] a criança não tem familiaridade com o mundo, deve-se introduzi-la aos poucos a ele; na medida em que ela é nova, deve-se cuidar para que essa coisa nova chegue à fruição em relação ao mundo como ele é. Em todo caso, todavia, o educador estar aqui em relação ao jovem como representante de um mundo pelo qual deve assumir a responsabilidade, embora não o tenha feito e ainda que secreta ou abertamente possa querer que ele fosse diferente do que é. Essa responsabilidade não é imposta arbitrariamente aos educadores; ela está implícita no fato de que os jovens são introduzidos por adultos em um mundo em contínua mudança. (ARENDDT, 2016, p. 239)

É importante deixar claro que quando Arendt fala de mundo não se refere ao mundo biológico ligado ao que se entende como natureza, ou conservação da natureza como prerrogativa de salvação do mundo. Este é um debate importante no

³ Conforme Arendt (2016, p. 129) “Visto que a autoridade sempre exige obediência, ela é comumente confundida com alguma forma de poder ou violência. [...] onde a força é usada, a autoridade em si mesma fracassou. A autoridade, por outro lado, é incompatível com persuasão, a qual pressupõe igualdade e opera mediante um processo de argumentação. [...]. Se a autoridade deve ser definida, deve sê-lo, então, tanto em contraposição à coerção pela força como à persuasão através de argumento”. De acordo com Carvalho (2017, p. 60), ao refletir o conceito de autoridade em Arendt, “a autoridade manifesta uma relação de confiança fundada na credibilidade e na crença”.

âmbito da educação, porém não se relaciona com o que a filosofia trata em suas discussões sobre essa questão.

O mundo no qual Arendt se debruça é o mundo humano, o mundo da obra humana, espaço das coisas artificiais. Segundo Arendt (2010, p. 217), é esse *mundo de coisas feito pelo homem* que se torna o nosso lar enquanto vivemos na terra e que sobreviverá à nossa existência. É nesse mundo que as histórias das vidas humanas se inscrevem e se entrelaçam como um emaranhado de fios que dão sentido à nossa própria vida. E foi sobre histórias que essa pesquisa percorreu.

Narrativas, afetos e pensamentos: Hannah Arendt e a responsabilidade na educação

Narrativas, afetos e pensamentos: Hannah Arendt e a responsabilidade na educação foi o título definitivo da minha dissertação de mestrado. Nele está posto o que realmente foi trabalhado no texto.

Tal como destaquei acima, meu primeiro dia como professora do fundamental I teve início com um evento, em certa medida, violento, apesar de estarmos em meio a crianças tão pequenas. Após a situação ser contornada, eu fui para a sala do 3º ano. As crianças continuavam bastante agitadas e sequer davam importância e atenção para minha presença. Por um momento pensei em desistir. Considerei aquele espaço como totalmente inapto para o que eu compreendia como sala de aula. No entanto, como uma pessoa adulta, que já transitou por distintos espaços no campo da educação, poderia simplesmente sucumbir perante algo novo e desafiador como aquele contexto?

Naquele momento, como um lampejo, busquei as referências que tinha da minha própria infância. Dei as mãos ao passado e a todos os atores envolvidos nas lembranças guardadas em minha memória. Coloquei-me em frente àquelas crianças e em tom firme falei: era uma vez. Comecei a contar uma história.

As crianças foram parando e olhando para mim, como também olhando umas para as outras como que pedindo silêncio para escutar a história. Uma história

que não estava no meu planejamento. Portanto, aquela aula diferente foi a forma encontrei para dialogar com aquelas crianças. Provavelmente foi a forma que encontramos, eu e elas, de fazer com que o ato de ensinar se efetivasse.

As coisas demoraram um pouco para melhorar na escola, assim como eu demorei também um pouco para pensar que poderia ensinar por meio das narrativas. Aquele primeiro evento foi algo intuitivo, porém foi se tornando recorrente. Eu entrei na escola para exercer a função de segunda regente, portando sou professora de todas as turmas do 1º ao 5º ano.

É importante destacar também que eu ensino em uma escola pública na cidade de Salvador, na Bahia. Portanto, a escola está situada em uma localidade cuja população é, em sua maioria, negra ou parda. O fato de estarmos em uma escola pública brasileira também nos coloca em um contexto distinto. Seu público é prioritariamente composto de pessoas que se inserem em condições de vulnerabilidade social e econômica. Esse panorama é fundamental para que os fatos que foram relatados na dissertação e o caminho que minha prática docente tomou sejam compreendidos. Cito um trecho da pesquisa:

[...] Na festividade da primavera, em uma escola em que o público é quase em sua totalidade composto de pretos, a rainha da estação das flores, como sempre acontece, foi uma criança branca escolhida pelos próprios alunos.

Ao conversar sobre o festejo em uma sala do 1º ano, tentei entrar no assunto dos critérios de escolha. Segui fazendo perguntas sobre o evento nas turmas do 2º, 3º, 4º e 5º ano. As respostas eram mais ou menos as mesmas: o cabelo da menina branca é mais bonito, os olhos são mais bonitos e a cor da pele é mais bonita. O argumento de uma criança de sete anos, no entanto, me chamou a atenção: “Não existem rainhas e reis pretos, professora”. (MALAQUIAS, 2020, p. 49-50)

A escola é o local onde as experiências humanas são latentes, os afetos e a reflexão são constantes. Confesso que essas experiências me afetam, me tiram do lugar de conforto e me conduzem ao pensamento. No momento do questionamento daquele menino, ele também uma criança negra, imediatamente me passou pela cabeça a imagem daqueles contos de fadas clássicos e “universais” que são foco de projetos anuais na escola e que são prioritariamente lidos justamente por estarem



inclusos na categoria de “clássicos”. O termo “universal” não deveria em alguma medida incluir a todos? Por que uma criança de sete anos afirma categoricamente que não existem reis e rainhas pretos? Qual o papel da instituição escolar ao se deparar com tais situações?

Apesar de tantos questionamentos, é perceptível que as engrenagens burocráticas das instituições, os currículos pré-definidos, a carga horária a ser cumprida e tantas outras demandas empurram a educação escolar em uma espécie de fluxo contínuo que dificulta o parar para pensar, ainda que existam tentativas em relação a isso, com êxitos e com fracassos.

No ano de 2017, período em que esse evento aconteceu na escola, já era comum eu contar histórias para as crianças e até escrever algumas para aumentar o meu repertório e para suprir o que eu supunha que faltava em nossa biblioteca escolar. Resolvi que iria escrever uma história de uma rainha negra.

Segue um pequeno trecho desse texto:

– Meninos, por que vocês estão caçoando de Duni? Ela não tem o direito de se achar uma rainha?

– Mas, velho Taú, onde já se viu existir rainha negra? – disse Jitu.

– Meu filho, vocês não sabem a história⁴ do nosso continente? Lá existem vários reinos e muitas rainhas e reis negros. Nosso povo veio do continente africano.

– O que é um continente? Eu pensei que nosso povo veio da África – disse Jaja.

O velho Taú deu uma risada daquelas, mandou todos se acomodarem. [...] – Velho Taú, na África tem muitas rainhas não é verdade? Nós somos parentes delas, não é? – pergunta a pequena Duni toda cheia de pose.

– Sim, Duni, no continente africano sempre existiram muitas rainhas e reis, e nosso povo, com certeza, descende de muitos deles.

– Viram seus bobos. Eu sou parente de uma rainha africana e por isso sou uma rainha também.

⁴ Nos textos que escrevo para meus alunos, não utilizo a palavra história com “e”. São textos que são lidos pela coordenação da escola. Nesse sentido, ficou acordado o uso da grafia conforme estabelece a gramática normativa.



Quem se atreve contestar a Duni? Todos concordaram de mentirinha, pois achavam que o velho Taú estava inventando essa história apenas porque ele gostava muito dela.

– Velho Taú, se existem rainhas e reis no tal continente africano, por que nossos pais são escravos? Por que o senhor nunca contou uma história para nós sobre isso? O senhor pode contar uma agora? – disse Jaja, apenas querendo um pretexto para encher a paciência de Duni.

– Posso contar sim, Jaja. Não contei antes porque vocês todo dia querem uma história diferente – falou o velho Táu em meio a uma larga risada. (MUTTI, 2017⁵)

Essa estória ganhou uma grande dimensão na escola. As estórias que eu escrevia sobre a turma da Duni já eram muito bem aceitas pelos alunos. Naquele período, a coordenadora do turno matutino se interessou muito pelo texto e queria transformá-lo em um roteiro para encenarmos uma peça de teatro nas comemorações da semana da consciência negra. Por minha dificuldade em aceitar que uma estória que escrevia apenas para meus alunos pudesse virar uma peça de teatro, tanto quanto pelo fato de desconhecer como produzir um roteiro, aliadas às demandas de uma professora que transita por todas as turmas da escola, esse evento foi realizado apenas no ano seguinte.

O assunto sobre a peça de teatro já movimentava a escola desde o fim do ano de 2017. Quando isso foi posto como algo concreto e os alunos começaram a ser comunicados sobre o evento e que teria uma espécie de seleção para escolher quem iria representar os papéis, o rebuliço foi enorme e as disputas acirradas. Os papéis mais disputados eram o da protagonista Duni e o da rainha regra do deserto. Cito um trecho da dissertação:

Em uma segunda-feira, entrei para dar aula na turma do 2º ano e uma aluna correu ao meu encontro primeiro que todos os outros e perguntou se poderia fazer o papel de Duni na peça. Fiquei espantada e sem saber o que dizer. Era uma menina branca de cabelos longos. Como todos nas turmas conhecem as estórias de Duni, sabem, também, que ela é uma menina preta, baixinha, de cabelos crespos e tem sete anos. A única semelhança entre a aluna e a Duni era a idade.

⁵ Quando escrevo as estórias para meus alunos eu as assino como Vera Santos Mutti. Por esse motivo o último sobrenome que aparece é Mutti, diferente das minhas produções no âmbito acadêmico em que é considerado o meu último sobrenome – Malaquias.

Com muita calma, expliquei para ela e para a turma que, caso fosse acontecer a peça, eu teria que escolher crianças negras para representarem os personagens, pois essa era a cor da pele deles. A aluna, após ouvir meus argumentos e demonstrar uma postura reflexiva, levantou-se e perguntou: “Pró, posso me pintar de preta para ser a Duni na peça de teatro? ” Eu poderia esperar tudo, menos uma pergunta dessa natureza. Fiquei parada olhando para a turma que fixavam os olhos em mim em um constrangedor silêncio. (MALAQUIAS, 2020, p. 60)

Pensar sobre a situação exposta acima me levou a concluir sobre a dificuldade daquela criança em se encontrar dentro daquela nova situação. Ela sempre esteve nos melhores lugares da escola. Estava entre o grupo de alunos que poderiam ser escolhidos sempre para assumir os papéis de reis e rainhas dos contos de fadas, de reis e rainhas do milho ou da primavera, ou também, daqueles que representariam a Sagrada Família no período dos festejos natalinos no fim do ano letivo. Imediatamente ela encontrou a solução para permanecer onde sempre esteve.

Conversamos muito na sala naquele dia sobre a peça e sobre a impossibilidade de todos poderem representar um papel. As crianças entenderam, um pouco a contragosto, que em um evento daquela natureza existia o lugar dos atores e o lugar dos expectadores e que ambos eram lugares importantes. Ainda assim, não pude deixar aquela turma sem antes prometer que escreveria uma estória que tivesse personagens brancos, para que em outro momento a nova peça fosse montada e que houvesse oportunidade para todos.

A peça de teatro foi um sucesso e gerou bons frutos na escola, além de afetar diretamente a autoestima de muitas crianças. Como a estória que o Velho Taú – ancião que conta estórias para as crianças da turma da Duni – contou foi a estória da rainha de Sabá, as crianças da escola passaram a acreditar que existiam reis e rainhas negros.

Eu adaptei a narrativa sobre a rainha de Sabá e escolhi a versão em que essa é apresentada como uma mulher negra. Narrei o percurso que ela fez para chegar

ao reino do rei Salomão e nesse percurso coloquei algumas aventuras enfrentadas no deserto.

Em sala conversamos e estudamos sobre essa personagem, sobre o território onde ela vivia, sobre os mitos que existem em torno dela, sobre escavações arqueológicas que ainda são feitas para encontrar vestígios do seu reino, assim como sobre a inserção dessa rainha em livros sagrados de algumas religiões. Todo esse percurso, além de gerar novos conhecimentos para as crianças, promoveu inúmeros debates.

Essa é apenas uma das histórias que relato em minha dissertação de mestrado. Cada uma delas gerou elementos distintos para reflexão, e algumas foram bastante difíceis. Destaco aqui o episódio que foi apresentado no 5° Congresso Latinoamericano de Filosofía de la educación, promovido pela ALFE – Asociación Latinoamericana de Filosofía de la Educación.

Na aula de terça-feira, programei, em comum acordo com a turma, a leitura da história “Duni e sua turma: a viagem no tempo”. Tendo em vista as histórias serem contadas em várias turmas, porém com conotações distintas, muitos que agora se encontram no 5° ano já a conhecem.

A história tem como temática principal uma missão para salvar o coração da floresta que, devido à ação humana de depredação do meio ambiente, não consegue mais manter a harmonia da natureza. [...].

Nessa turma, no fundo da sala sentam juntos dois jovens rapazes e uma também jovem mocinha. Apesar do município adotar a proposta da não repetência, em casos extremos, os alunos são retidos nas séries. Esse foi o caso desses jovens que, diferente da maioria da turma, já passaram por distintas escolas e sofreram algumas reprovações. Têm histórico de muita indisciplina, de baixa frequência nas escolas anteriores e insuficiência na aprendizagem. Dessa forma, eram mais velhos que os colegas de classe. (MALAQUIAS, 2020, p. 83)

Ao terminar de narrar essa história, que é cercada de inúmeras aventuras que acontecem durante a visita de Duni e sua turma à cidade de Salvador, um aluno levantou a mão e disse que se a personagem principal – Duni – vivesse em nosso tempo se tornaria uma professora, pois ela é uma menina muito inteligente. Nesse momento, um dos três que sentam no fundo da sala disse em voz e olhos baixos e



com certa ironia: “Onde a gente vive é impossível se transformar em alguma coisa. Não tem como escapar”.

Como estar naquela sala de aula do 5º ano era difícil para qualquer professor, tendo em vista o comportamento desses três jovens, eu sempre tinha meus olhos e meus ouvidos constantemente voltados para eles. Na verdade, não sei se por causa das estórias, eu tinha, em grande medida, certa tranquilidade ao lidar com eles. Quando eu narrava estórias, mesmo sem querer evidenciar que estavam interessados, como aconteceu nesse momento específico, prestavam bastante atenção ao texto narrado.

Naquele exato momento em que essa frase foi dita, meu olhar se entrelaçou com o olhar daquele menino e ambos, eu e ele, fugimos rapidamente um do outro. Senti-me desconfortável, desconcertada e incapaz de dizer alguma coisa. Retomei o fio da discussão sem deixar de notar o comportamento dos outros dois companheiros desse jovem.

Os outros dois confirmaram a fala do colega com certo riso irônico. A ironia presente na fala deles e nos trejeitos do corpo me soa como uma frase inteira. Algo como falta de esperança e raiva daqueles que acreditam não ser possível uma outra realidade. (MALAQUIAS, 2020, p. 84)

Apesar de ter continuado a minha aula, tinha certeza de que aqueles três alunos estavam presentes nela e de que eu estava presente para eles. Isso significava muito, pois eles eram os presentes ausentes em quase todas as aulas. Presentes para as brincadeiras, para jogar bola de papel nos colegas, para desafiar os professores e ausentes para o diálogo com o aprendizado. Com exceção da menina que era a mais velha do grupo e que conseguia dominar a leitura e a escrita, os dois meninos quase não conseguiam ler e escrever, apesar dos esforços empreendidos pela escola.

Conforme destaca Pennac (2008) ao refletir sobre o fracasso escolar em sua própria experiência como professor:

Uma única certeza é que a presença dos meus alunos depende estritamente da minha: da minha presença junto a turma inteira e junto a cada indivíduo em particular, da minha presença na minha matéria também, da minha presença física, intelectual e mental, durante os cinquenta e cinco minutos que vai durar a minha aula. (PENNAC, 2008, p. 103)

Em diálogo com o que destaca Pennac (2008), estar presente – em escuta, em atenção, em ensino – é fundamental na educação em qualquer âmbito em que ela se realize. As dificuldades com aqueles três jovens eram enormes e as conversas sobre eles em nossas reuniões formais e informais dentro da escola eram constantes. Estava evidente para o professor que estar ausente para esses alunos era uma forma de defesa no intuito de garantir a presença para as demais crianças da turma. Muitas vezes esses três alunos, principalmente os dois rapazes, eram retirados da sala de aula por ser considerado impossível realizar um trabalho com tantas interferências e uma boa dose de desrespeito.

Trabalhar com as narrativas tem me ajudado muito a vencer essas barreiras. No entanto, não considero que esse *modus operandi* seja algum modelo pedagógico rígido ou uma espécie de solução milagrosa para superar as dificuldades dos meus alunos ou as minhas próprias dificuldades.

Narrar estórias é a forma que eu encontrei enquanto professora para dialogar com as crianças, para estar presente. É o momento em que me dedico para criar laços, para afetar e ser afetada, para nos constituir como seres que podem dialogar, debater, criar.

Segundo o que concebe Aguiar,

O pensamento “narracional” não ambiciona levar a um comportamento x, propor-se como autoridade legitimante de um determinado comportamento, mas simplesmente provocar o pensamento das pessoas.

[...].

O pensamento “narracional” não trata uma situação complexa reduzindo-a a um conceito, dissolvendo e sacrificando seus componentes, suas “vozes” internas, mas aposta em sua

reconstituição pela imaginação com a forma de encontrar significação própria. (AGUIAR, 2001, p. 220)

Nesse aspecto, ao refletir sobre o que aquela criança falou em sala de aula, retomo a Arendt e ao que ela disse sobre apresentar para as crianças o mundo como ele é. Como seria o mundo como ele é para aquelas crianças? Ao que me pareceu, o mundo daquele menino está cercado de injustiças sociais. Isso significa fome, violência, moradias precárias, dentre outras.

Todavia, Arendt não está se referindo a essas perspectivas sócias em seus escritos. Esse não foi o foco dos seus estudos, o que não invalida a apropriação que foi feita dele para pensar e tentar mudar a nossa própria realidade.

A responsabilidade no pensamento arendtiano está vinculada à política e a uma ética para com o mundo e para com o humano. Não é uma ética prescritiva, no entanto é uma ética que conclama sempre ao pensamento. Ao agir, devemos sempre *pensar sobre o que estamos fazendo*.

Nesse sentido, foi pensando essa ética para com o mundo e para com o humano, não apenas partindo da frase dita pelo meu aluno, mas por muitas outras que eu já tinha ouvido e ouço cotidianamente em meu exercício profissional, que resolvi trabalhar com as narrativas em sala de aula, tanto quanto me debruçar a pesquisar essa prática a partir da análise filosófica. A análise filosófica tem me permitido ampliar o olhar sobre os conceitos, principalmente, sobre aqueles presentes em minha pesquisa de mestrado, como também tem me ajudado a repensar, reformular e transformar minha prática docente.

É importante salientar que as histórias que narro na escola não são apenas as que eu escrevo para meus alunos. A segunda regente, no contexto em que ensino, trabalha com História e Geografia. Nesse sentido, narro também histórias presentes na historiografia, buscando conferir aos personagens nelas inseridos um sentido mais amplo, ou seja, um sentido não apenas de figuras históricas, mas também de pessoas que nos antecederam e cujas ações relacionam-se com a nossa vida.



Neste lugar que ocupo, posso trazer assuntos que ajudem na formulação de novos sentidos sobre o teor de verdade posto nos conteúdos que têm mais abrangência e destaque em nosso contexto. Posso tentar fazer com que o espaço em que me encontro com meus alunos – a escola – seja um espaço comprometido com a preservação e manutenção do mundo comum. Um mundo comum a todos.



Considerações finais

O local onde se encontra a educação é, em si mesmo, um espaço de crise. O intenso movimento da entrada do novo em seu ambiente provoca sucessivas rupturas e transformações em seu modo de ser e de agir. No entanto, como nos alerta Arendt (2016, p. 223), “uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com [...] preconceitos. Uma atitude dessas [...] nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão”.

Tentei me livrar dos preconceitos quando resolvi que ficaria naquela escola. Tento até hoje entrar em embate com eles no intuito de não deixar passar a oportunidade de refletir e agir perante os acontecimentos do meu cotidiano como professora. Momento que eu nomeio de “instantes”.

Poder narrar em um texto dissertativo alguns eventos ocorridos em sala de aula entre mim e meus alunos foi a forma que encontrei de não perder o instante. Cada um desses instantes foi uma espécie de explosão que originou algo novo, uma transformação. Para mim, transformação de pensamento, de modo de agir, talvez transformação de mim mesma.

Comecei a conferir sentido às minhas ações e aos pequenos instantes que acontecem na escola. Mesmo que o sentido seja algo em constante mutação, ele é também algo que podemos comunicar aos que estão conosco e deixar como herança para os novos que constantemente chegam para renovar o mundo.

Comunicar o que tem sido a minha experiência na escola é uma maneira de trazer a escola a público. É dizer como ela é. É contar histórias sobre ela a partir do ponto de vista de quem as vivencia enquanto professora.

Conforme salienta Arendt (2008, p. 115): “Todas as dores podem ser suportadas se você as puser numa história ou contar uma história sobre elas.” Ela ainda completa sua reflexão afirmando que “A história revela o sentido daquilo que, do contrário, permaneceria como sequência intolerável de puros acontecimentos”.



Referências

- AGUIAR, O. Pensamento e narração em Hannah Arendt. In: **Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias.** (Org.) Eduardo Jardim, Newton Bignotto. Nelo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- ALMEIDA, V. S de. **Educação em Hannah Arendt:** entre o mundo deserto e o amor ao mundo. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. A amizade como amor mundi em Hannah Arendt. **O que nos faz pensar**, dez. 2011, p. 131-144.
- _____. Natalidade e educação: reflexões sobre o milagre do novo na obra de Hannah Arendt. **Pro-Posições.** Campinas, SP, v. 24, n. 2 (71), p. 221-237, mai/ago. 2013.
- _____. Ação e Narrativa: reflexões a partir de Hannah Arendt e Karen Blixen. **Pescando – Revista de Filosofia**, vol. 9, n. 17, 2018a.
- ARENDR, H. **Entre o passado e o futuro.** Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- _____. **A Condição Humana.** Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. **As Origens do Totalitarismo:** Anti-semitismo, instrumento de poder. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Documentário, 1979.
- _____. **Homens em Tempos Sombrios.** Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. Compreensão e política: as dificuldades da compreensão. In _____. **Compreender:** formação, exílio e totalitarismo (ensaios). Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 330-346.
- _____. Algumas questões de filosofia moral. In: **Responsabilidade e Julgamento.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BENJAMIN, W. **Magia, Técnica, Arte e Política:** ensaios sobre a literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura.** In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARVALHO, J. S. **Educação, uma herança sem testamento:** diálogos com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2017.
- _____. Por uma pedagogia da dignidade: Memórias e reflexões sobre a experiência escolar. São Paulo: Summus, 2016.
- DOCUMENTÁRIOS ptfelicitas. **A Rainha de Sabá.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pRZaRlilK6M>. Acesso em: set. 2017.
- MASSCHELEIN, J; SIMONS, M. **Em defesa da escola:** uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

PENNAC, D. **Diário de Escola**. Tradução Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PETERS, R. S. Educação Como Iniciação. In: ARCHAMBAULT, R. D. (org.). **Educação e Análise Filosófica**. Tradução Carlos Eduardo Guimarães e Maria da Conceição Guimarães. São Paulo: Saraiva, 1979, p. 101-130.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa: A intriga e a narrativa histórica**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.